

BINFORD, LEWIS R., ***Nunamiut Ethnoarchaeology***, Nova Iorque, Academic Press, 1978, xiii + 509 pp.

BINFORD, LEWIS R., ***Constructing Frames of Reference: an analytical method for archaeological theory building using ethnographic and environmental data sets***, Berkeley, University of California Press, 2001, xx + 563 pp.

Apesar do peso que a arqueologia de tradição francófona teve no desenvolvimento da pré-história europeia, a influência norte-americana cada vez mais se faz sentir nos estudos arqueológicos. Este facto, talvez disputado por muitos, deve-se a dois aspectos principais. O primeiro é que, finalmente, foi compreendido pela cultura científica arqueológica da Europa Ocidental que a investigação não se pode limitar a aspectos historicistas da cultura – é necessário tratar o passado humano também numa perspectiva antropológica; o segundo aspecto é a importância da teoria contemporânea resultante do emergir da *Nova Arqueologia*, nomeadamente nas perspectivas Processual, Contextual e Cognitiva-processual. Não há, neste momento, um único aluno de licenciatura que não tenha ouvido falar sobre essas correntes de pensamento e posicionamento arqueológico, e que não as consiga definir, apesar de, muitas vezes, não as conseguir perceber devido ao que Glynn Daniel em 1976, na sua obra *Hundred and Fifty Years of Archaeology* designou por um “jargão endemoninhado” (p. 372).

O aparecimento e desenvolvimento nos anos sessenta da *Nova Arqueologia* deve-se principalmente a Lewis Binford, podendo este ser considerado o pai da *Nova Arqueologia* (naturalmente, os avós teriam sido, 20 anos antes, Walter Taylor e Julian Steward). Binford, antropólogo por formação, dedica-se, desde o início dos anos sessenta com a sua tese de doutoramento, a questões que estão relacionadas fundamentalmente com os problemas do estudo de caçadores-recolectores. Este trabalho faz com que Binford se aperceba das lacunas importantíssimas que existiam na estrutura teórico-metodológica da arqueologia pré-histórica. Como resultado, esse autor começa uma longa carreira de investigação sobre esta questão, da qual resultam perto de uma vintena de livros e mais de uma centena de artigos de especialidade, culminado em 2001, na sua última obra de fundo, *Constructing Frames of Reference: an analytical method for archaeological theory building using ethnographic and environmental data sets*.

De facto, este livro, com o seu carácter de obra de referência e de sistematização completa sobre o estudo de caçadores-recolectores anunciava-se há já perto de 25 anos com *Nunamiut ethnoarchaeology*. Não sendo este o seu primeiro livro sobre a questão, foi aí que pela primeira vez Binford tentou sistematizar e definir determinados traços das estruturas culturais dos caçadores-recolectores

esquimós Inuit, que pudessem servir como “lei” para todas as outras etnias com desenvolvimento tecnológico semelhante. Esta tentativa respondia assim a questões levantadas por ele sobre a complexidade do estudo do Paleolítico e significado da diversidade e variabilidade cultural desse período, e que foram também referidas em *In pursuit of the past* (1983), traduzido para português com o título “Em busca do Passado” (Publicações Europa América).

Nunamiut ethnoarchaeology é uma monografia que foca a ecologia cultural dos Nunamiut, um dos dois grupos que formam os Inuit, esquimós do Alasca. Binford debruça-se extensivamente sobre a relação que esses bandos de caçadores-recolectores modernos do ártico têm com as renas (ou caribu, como é conhecido no Novo Mundo), descrevendo em detalhe os aspectos anatómicos e ecológicos dessa espécie, comparando-a com a das ovelhas locais. O objectivo principal desta obra, contudo, era a revisão e avaliação da utilidade de certos conceitos arqueológicos sobre sociedades caçadoras-recolectoras e os problemas de interpretação dos respectivos materiais arqueológicos.

A obra é dividida em duas partes principais. A primeira compreende quatro capítulos, que descrevem a metodologia laboratorial que o autor utilizou, bem como os vários modelos resultantes desses estudos preliminares. A segunda parte respeita à descrição do comportamento dos Nunamiut e da sua relação com a rena e com a ovelha, as duas espécies de base na alimentação dessas comunidades esquimós, e a comparação dessa utilização com os modelos desenvolvidos por si na primeira parte do livro.

O primeiro capítulo é essencialmente um trabalho de arqueologia experimental, onde Binford constrói, com base em duas renas e uma ovelha e em várias técnicas de desmancho dessas carnes, um Índice de Utilidade de Carne (*Meat Utility Index*) que permite conhecer a distribuição de massa muscular útil. Com esses dados, Binford desenvolveu ainda índices referentes à quantidade de gordura e de tutano. Neste capítulo, Binford refere também aspectos relativos às preferências culturais das partes anatómicas para consumo por parte dos caçadores. Mais tarde, Binford fará referência de novo a esta questão, mostrando que essas preferências culturais são directamente influenciadas por factores externos como a temperatura e o clima.

O segundo capítulo foca aspectos do desmancho e arrecadamento das carnes e dos locais onde se deram essas actividades. Binford dá detalhes sobre o efeito que várias técnicas de desmancho têm sobre a presença e proporções da mesma secção dos ossos. Esses efeitos variam em cada estação do ano consoante o tipo de processamento da carne, isto é, armazenamento seco ou gelado, arrecadamento (*caching*) ou consumo imediato. Um dos aspectos mais importantes deste capítulo é a avaliação do conceito de Mínimo Número de Individuos (MNI). Binford argumenta que a informação resultante do procedimento comum para obtenção do MNI não tem valor científico, apresentando um novo sistema de cálculo

onde “todos os MNI’s serão calculados através da divisão do número dos ossos de uma unidade pelo número de ossos dessa unidade presente na anatomia do animal” (Binford, 1978:70), ou seja, para determinação do MNI com base em fémures, o número obtido com a contagem dos ossos deverá ser dividido por dois.

O terceiro capítulo foca as questões do armazenamento da carne. Aí Binford apresenta considerações gerais sobre os processos de armazenamento a seco e com frio. O autor apresenta neste capítulo o Índice de Utilidade de Secagem (*Drying Utility Index*). O final do capítulo é destinado a uma descrição dos materiais resultantes das actividades de secagem das carnes.

O capítulo quatro é uma descrição dos sistemas de processamento de comida e respectivo consumo. É nesta secção que Binford determina a quantidade de carne ingerida por dia por cada pessoa e por cada cão pertencente à comunidade. É necessário não esquecer que os cães eram absolutamente necessários nessas comunidades e, portanto, a alimentação deles era um factor importante na economia local. O autor descreve ainda as formas de distribuição e repartição das unidades anatómicas pelos consumidores, comparando-as com a dos Bosquímanos !Kung. Esta comparação resulta em aspectos interessantes, uma vez que a base de repartição e distribuição no caso destes assenta nos laços de parentesco, enquanto que com os Nunamiut assenta na percepção das necessidades de cada indivíduo.

Ainda no último capítulo da primeira parte Binford foca questões relacionadas com padrões de processamento dos ossos para obtenção de tutano, gordura e outras actividades relacionadas com esse tipo de economia e subsistência.

A segunda parte do livro é composta por quatro capítulos, cada um deles dedicado às actividades das comunidades Nunamiut em cada uma das estações do ano. A primeira é a Primavera, onde Binford descreve os vários tipos de caçadas. Estas são dependentes do número de animais ou das manadas a caçar, que por sua vez estão relacionadas com aspectos migratórios dos animais. No início e fim da Primavera a caça é ocasional, enquanto que na fase intermédia, momento em que passam as manadas em migração, a caçada é sistemática. Todos estes casos são depois relacionados com o tipo de sítios, dos quais Binford descreve os restos faunísticos aí encontrados, como as características geográficas e topográficas de cada local. Ainda referente à Primavera, o autor descreve o consumo de carne através do recurso a duas linhas de estudo: a situação por volta de 1950 e a situação ao momento da investigação, isto é, no início dos anos setenta. Também neste capítulo Binford se dedica ao desenvolvimento de modelos estruturais como, por exemplo, o uso de tutano nas estações de caça (pp. 188 e 189) ou o consumo de carne por humanos e cães, comparando os dois momentos em causa. Como conclusão deste capítulo, Binford constrói um modelo para o sistema de logística de caça durante a Primavera.

O capítulo seis é dedicado às actividades durante o Verão, através do mesmo tipo de modelos e comparações feitos no capítulo anterior. Um dos aspectos mais importantes deste capítulo é a descrição dos vários tipos de locais que Binford encontrou: abate de ovelhas, sítios de desmancho da carne, locais de caça, estações de observação e sítios de namorados (*lover camps*). Binford descreve também o tipo de fauna que encontrou em cada sítio. Infelizmente, Binford cometeu um erro na sua metodologia de campo: na maior parte desses sítios, o autor limitou-se a listar quais os ossos existentes, não fazendo o mapeamento desses restos faunísticos, desconhecendo-se assim o padrão intrasítio da distribuição desses achados. Como Binford recolheu apenas os materiais que se encontravam à superfície e nas zonas de fácil acesso não se conhece o remanescente das colecções que ficou em cada um desses sítios.

Binford foca as actividades do Outono no capítulo seguinte, referindo de novo os padrões de caça, consumo, armazenamento e abandono dos restos em cada um dos vários tipos de sítios utilizados. Deve aqui ser referido um dos aspectos curiosos apontados neste capítulo por Binford. O autor escavou vários sítios e sobre alguns dos quais não tinha informação oral. Estes casos não se coadunavam nem com os modelos desenvolvidos pelo autor com base nos estudos preliminares, nem com os dos sítios sobre os quais ele tinha informação oral (pp. 393 e seguintes).

O capítulo oito, dedicado às actividades do Inverno, é o mais pequeno da segunda parte. Isto deve-se principalmente ao facto do autor ter tido pouco tempo de estudo durante esta fase por causa de fundos insuficientes para o seu projecto. Apesar disso, Binford discute alguns dos mesmos aspectos referidos para os capítulos anteriores.

O último capítulo da obra é uma conclusão longa, onde Binford tenta sintetizar toda a informação dada, tentando explicar o cunho claramente fragmentário da obra e dos dados, dando pouca importância aos problemas de carácter geral que resultam do seu trabalho.

Deste trabalho de Binford destaca-se a informação geral sobre os aspectos económicos do uso da rena, as suas considerações sobre as actividades de desmancho, armazenamento, processamento dos alimentos e consumo dos mesmos, e o resultado de todas essas actividades em cada sítio. Apesar da importância desses dados e dos modelos desenvolvidos pelo génio brilhante de Binford, o autor não avalia os resultados em termos dos problemas que se levantam devido à utilização dos seus conceitos e modelos em arqueologia tornando impossível a verificação desses modelos e, por vezes, a sua utilização, levando mesmo à interrogação sobre a sua utilidade - não se deve esquecer que o estudo apresentado por Binford neste livro tinha como objectivo principal a resolução de questões levantadas pelo autor no que respeita à conceptualização da diversidade encontrada no Moustierense francês, e do qual resultou o célebre debate Bordes-

Binford.

Talvez por estes problemas, adicionado ao seu trabalho de três décadas sobre caçadores-recolectores, Binford é levado a escrever *Constructing Frames of Reference*, onde desenvolve, de forma extensíssima, a questão das estruturas e modelos de estudo, interpretação e compreensão da diversidade dos caçadores-recolectores do passado e do presente. De facto, um dos objectivos centrais deste livro é o desenvolvimento de um método de utilização de dados etnográficos em estudos arqueológicos ou, de outra forma, um estudo de etnoarqueologia ou “estudos actualísticos”, fim último de todos os trabalhos de Binford.

Binford dividiu a sua obra mais recente em quatro partes, respectivamente focando a história dos conhecimentos, os métodos de utilização desse conhecimento através de estruturas de referência e de modelos, o reconhecimento de padrões e a construção teórica e, finalmente, o desenvolvimento de quadros teóricos com aplicações arqueológicas e universais.

A primeira parte do livro compreende três capítulos que se dedicam ao conhecimento e perspectivas gerais sobre caçadores-recolectores existentes ao momento da edição. Binford foca aspectos conceptuais como a definição de bando ou aculturação, dando as perspectivas e mostrando as influências de autores como Marcel Mauss, Julian Steward, Ellman Service, Marshall Sahlins e Richard Lee. Binford focou ainda o impacto que determinadas conferências, nomeadamente a de 1966 em Chicago, *Man the Hunter*, tiveram no estudo e na problematização da utilização dos dados etnográficos em arqueologia.

O segundo capítulo serve a Binford para estabelecer e organizar um conjunto de modelos e premissas já existentes e que servem de base à sua discussão posterior sobre caçadores-recolectores e o seu desenvolvimento económico e social. É neste capítulo que Binford define algumas ideias a que chama “generalizações” e que destaca claramente através de pequenas caixas com números sequenciais. É também neste capítulo que Binford explicita a sua perspectiva ecológica e explica a importância do ecossistema na diversidade cultural dos caçadores-recolectores, definindo o conceito de nicho como a “conjuntura dinâmica onde as propriedades do mundo empírico interagem com as propriedades dos actores humanos e que resultam em várias formas sociais e de organização entre os caçadores-recolectores” (p. 43). Binford discute a questão da unicidade humana no que respeita à capacidade para a cultura, problematizando e negando perspectivas como a de Ingold em que essa condição coloca a espécie humana numa progressão contínua de evolução e transformação cultural.

No terceiro capítulo, Binford debruça-se sobre aquilo que ele designou por “peça de ideias no teatro da ciência”. Aí, Binford define quais as características principais do contexto científico que condicionam os investigadores a que o autor chama de “actores”, explorando as questões das ferramentas conceptuais e convenções utilizadas pelos cientistas e que mais podem contribuir para o

desenvolvimento das estruturas teóricas do estudo dos caçadores-recolectores. Assim, Binford discute o problema da produção dos dados, em duas fases: a sua aquisição e a sua interpretação e análise; e o uso de corpos teóricos e de dados pré-existentes e a projecção dos mesmos – “Boa ciência consiste em usar estrategicamente conhecimento anterior para fazer projecções de domínios melhor conhecidos para domínios pior conhecidos.” (p. 50).

A segunda parte encontra-se dividida também em três capítulos, do 4º ao 6º. O capítulo 4 foca as variáveis respeitantes aos aspectos ecológicos, isto é, a relação entre o clima e o mundo vegetal e animal. Neste sentido, Binford explica o impacto de factores como a temperatura, a radiação solar, a evaporação e precipitação, apresentando várias tabelas (pp. 60-67 e 86-93) com os dados para todas as áreas onde existem caçadores-recolectores, bem como uma série de mapas com informação mundial. O mesmo tipo de informação relativa a biomassa e a cobertura vegetal é apresentada nas tabelas 4.08 (pp. 97-99) e 4.09 (pp. 102-104).

O capítulo 5 centra-se na relação localizacional entre as várias comunidades de caçadores-recolectores modernas e os respectivos nichos ecológicos. Este estudo serve como estrutura de referência para o estudo do registo arqueológico e também como base de análise de modelos referentes ao desenvolvimento humano a partir de um estágio económico simples até atingir a produção de alimentos.

Alguns padrões interessantes são apresentados por Binford neste capítulo, como o facto de não haver comunidades humanas de caçadores-recolectores em verdadeiros desertos (p. 136) e que áreas não-produtivas são ocupadas exclusivamente por produtores de alimentos (p. 158). Este tipo de trabalho permitiu a Binford apresentar projecções do potencial de comunidades de caçadores-recolectores para todo o planeta, com base em várias proposições, como “Quanto maior o espaço ocupado por uma determinada comunidade vegetal, maior a probabilidade para uma diversidade das características da comunidade de caçadores-recolectores que aí habitam” (p. 144). Em vários pontos Binford foca a questão da domesticação de plantas, mantendo uma posição crítica de vários modelos que afirmam que aquela é a consequência de uma crescente dependência nas plantas por parte das comunidades humanas.

O capítulo 6 descreve o “Modelo terrestre de caça e recollecção”, onde o autor estuda as relações inter- e intra-habitats, chegando à generalização que perto de 75% das áreas utilizadas por caçadores-recolectores deviam ser dependentes de comunidades de vegetação terrestre, cerca de 20% de recursos aquáticos e apenas 5% seria dependente dos recursos cinegéticos terrestres. Este modelo é depois utilizado para fazer projecções sobre aspectos relativos ao potencial de ocupação de certas áreas por caçadores-recolectores, no que diz respeito à sua mobilidade, subsistência e diversidade étnica. Este tipo de exercício permitiu a Binford explorar a

questão do aparecimento da agricultura e pastoralismo em determinadas áreas, nomeadamente na Europa oriental.

O capítulo 7, já na terceira parte, apresenta 21 generalizações de que derivam 6 princípios gerais relativos ao sistema cultural dos caçadores-recolectores. Este estudo relaciona o tamanho do grupo com a sua mobilidade e organização das tarefas diárias, bem como com a área geográfica utilizada e as suas características ambientais. Do trabalho apresentado neste capítulo parece claro que o tamanho da área ocupada por um grupo está relacionado com o tamanho do grupo e com as características do seu habitat, nomeadamente no que diz respeito ao tipo e quantidade de recursos aí existentes. Um dos princípios propostos por Binford para a sedentarização com base nas diferenças de temperatura é o de que em climas mais quentes existem dois processos potenciais de intensificação da subsistência: um com base em plantas terrestres e outro nos recursos aquáticos; no caso de ambientes mais frios a intensificação só se pode dar com base nos recursos aquáticos (p. 216). Como este princípio, Binford explicita outros, cujo teor nalguns casos não é mais do que mero senso comum.

O capítulo 8 segue as pegadas do anterior, focando ainda questões relacionadas com mobilidade, desta feita dos pequenos grupos. Apresenta um número ainda mais elevado de generalizações (38), das quais resultam 12 princípios do mesmo tipo dos do capítulo anterior. Contudo, neste capítulo são incorporados outros factores como sazonalidade, técnicas de armazenamento, a organização das tarefas e a sua relação com o género sexual de quem trabalha, bem como com o sistema de parentesco. A última generalização de Binford neste capítulo é talvez a mais importante: “Mobilidade não é uma variável independente; responde a alterações no sistema de estado induzidas pela intensificação (dos recursos)” (p. 315).

O capítulo 9 foca as questões dos grupos mais alargados, ou o que Binford denomina GROUP2, ou seja entre 20 e 50 pessoas. Estes grupos são maiores do que a família nuclear e mesmo do que a família alargada tema do capítulo anterior, relacionando-se este capítulo com grupos de especialistas e horticultores, estes últimos saindo da categoria de caçadores-recolectores.

No capítulo 10, já na última parte da obra, Binford relaciona população com a questão da intensificação dos recursos alimentares. O conceito de intensificação da subsistência é definido por Binford como o processo de aumentar a quantidade de alimentos numa área geográfica cada vez mais restrita (p. 363). Como é evidente, o processo de intensificação tem impactos decisivos ao nível demográfico e, conseqüentemente, no tamanho das populações de cada grupo. Estas variáveis são também condicionadas pela tecnologia utilizada, pela mobilidade e pela capacidade de biomassa de cada nicho ecológico, ambos os aspectos tratados nos capítulos anteriores. Neste contexto, Binford desenvolve um “rácio de eficiência do nicho” que lhe permite medir teoricamente a intensificação de um determinado

grupo. É também neste contexto que Binford compara o grau de intensificação de grupos caçadores-recolectores com base em habitats e ambientes diferentes.

O capítulo 11 estuda a relação entre a diversidade da dieta e a densidade da população humana, aspecto que aliás de adivinhava no capítulo anterior. Neste contexto, Binford debruça-se sobre questões de estabilidade e instabilidade para explicar fenómenos de complexidade cultural e tecnológica, nomeadamente no que diz respeito ao aparecimento de sociedades produtoras de alimentos.

No capítulo 12, Binford apresenta modelos de transição de uma economia com base na caça e recolção para a produção de alimentos. O autor dá-nos um exemplo de uma área no próximo Oriente, apresentando uma evolução durante o final do Plistocénico e o início do Holocénico. Na sua perspectiva, o factor principal que serviu como elemento despoletador do novo tipo de economia foi o processo de redução da distância da área de subsistência devido ao aumento demográfico, ou seja uma combinação de pressão demográfica com factores ambientais e questões tecnológicas.

De facto, e apesar dos argumentos de Binford, poder-se-ia dizer que cada caso é um caso, e que não houve apenas um só factor que permita explicar todos os casos. O trabalho de Binford torna-se essencial pela quantidade de informação e de definição de novos conceitos, muitas vezes fundamentais para se estudarem as comunidades de caçadores-recolectores, sejam eles modernos ou pré-históricos. Apesar do último capítulo de Binford nos dar um exemplo de aplicação da proposta de estrutura teórico-metodológica, a verdade é que o exemplo que Binford dá sobre o Próximo Oriente poderá explicar o aparecimento da agricultura naquele contexto concreto, mas não consegue explicar o que originou a alteração demográfica. Assim, a sua teoria é tão (pouco) válida e explica tão bem (ou mal) os mecanismos que levaram ao aparecimento da agricultura como todas as outras sobre o mesmo assunto...

Como síntese, é possível dizer-se que esta obra de Binford é mais um caso do seu exemplar génio e brilhantismo. Mas, também como é como frequente, está repleta de abstracções inúteis, complexas e pouco ou nada fundamentadas, aspecto, aliás, que se nota mais devido à falta de uma revisão atenta do texto, das figuras e quadros, bem como na sua relação interna e utilização.

A complexidade de conceitos e terminologia não deixa o leitor, por muito informado que ele possa ser, compreender e apreender facilmente as ideias e modelos propostos por Binford. Tal como em *Nunamiut ethnoarchaeology*, o leitor vê-se embrulhado num jargão tão complexo, múltiplas fórmulas matemáticas e estatísticas e uma diversidade de siglas e acrónimos e com tantas remissões para áreas do texto que se encontram muitas páginas atrás (ou à frente) que se torna difícil, senão mesmo impossível, verificar e encontrar os dados fornecidos pelo autor – o que nalguns casos é impossível porque os dados não estão lá...

Como conclusão, podemos dizer que estas duas obras são, tal como

muitas outras de Binford, marcadas por uma complexidade inútil e por um carácter monótono da informação, muitas vezes mal organizada e de difícil consulta. Mas, e também como sempre, os textos expressam ideias fundamentais e geniais que servirão nos próximos anos como base teórica e metodológica a quem quiser investigar as questões relacionadas com os sistemas de mudança das economias de caçadores-recolectores para produtores de alimentos. Por alguma razão, nos corredores dos congressos, e a meia voz se chama a *Constructing Frames of Reference*, a Bíblia...

Nuno Ferreira Bicho